

RELATO DE EXPERIÊNCIAS

AS CRIANÇAS CONSTROEM MAQUETES E MINIATURAS PARA APRENDEREM PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA NO ENSINO FUNDAMENTAL I

Elizandro Ricardo Cássaro*
Giuliano Gomes de Assis Pimentel **
João Fernando Christofolletti***
Vilmar Malacarne****

Resumo: Dada a carência de material didático interativo para o ensino das Práticas Corporais de Aventura (PCA), apresentamos o uso de maquetes e miniaturas como uma ferramenta no Ensino Fundamental I. Trata-se de um estudo de caso sobre a curadoria de objetos de aprendizagem projetados por alunos do 4º ano e 5º ano em uma escola municipal em Maringá, Paraná. A produção dos artefatos foi precedida pela vivência direcionada de jogos de aventura até o contato com PCA sistematizadas e acesso à categorização das modalidades conforme terra, água e ar. A curadoria e a exposição das produções consideraram as formas de organização adotadas pelas crianças em diálogo com a fundamentação das aulas. Observamos que as maquetes e miniaturas aproximam a compreensão dos alunos em relação ao conteúdo, ativando a imaginação e o protagonismo.

Palavras-chave: tecnologia educacional. educação física escolar. infância.

CHILDREN BUILD MODELS AND MINIATURES TO LEARN ADVENTURE CORPORAL PRACTICES IN ELEMENTARY SCHOOL

Abstract: Given the lack of interactive didactic material dedicated to the teaching Adventure Corporal Practices (ACP), this work postulates the use of models and miniatures as pedagogical tools in Elementary School. This paper is a case study on the curation of designed learning objects by 4th and 5th-grade students in a municipal school in Maringá, Paraná. The production of these artifacts happened after a guided experience on adventure games, followed by a contact with systematized ACP. Lastly, students were given access to a modality categorization according to land, water, and air. The curatorship and exhibition of these productions considered the forms of organization adopted by the children in dialogue with the theory seen in class. As a result, it is possible to observe that the models and miniatures bring students closer to the topics discussed, activate the imagination, and promote their protagonism.

Keywords: educational technology. school physical education. childhood.

1 INTRODUÇÃO

A Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017) é um documento norteador da educação básica brasileira, inserida no processo de escolarização que abrange a Educação Infantil, Educação Fundamental e Ensino Médio. No tocante à disciplina de Educação Física, um novo conteúdo estruturante é inserido e nomeado como Práticas Corporais de Aventura. Antecede a esse reconhecimento oficial, o trabalho desenvolvido em estudos pioneiros, com destaque para Franco (2008, 2011), Pereira (2007), Auricchio (2009), Uvinha (2009), Pereira e Armbrust (2010), Armbrust e Lauro (2010), Inácio et al. (2016) e Paixão (2017, 2018). Uma lacuna nesses estudos pioneiros é a relação com materiais didáticos, algo que assume maior importância com a ambição posta na BNCC de que a Educação Física seja integrante à área das Linguagens na escola.

Nesse sentido, a autonomia do uso de diferentes linguagens, para além da literacia apenas de textos, nos coloca em ações multidisciplinares para apreensão dessas linguagens, seus códigos e tecnologias. Por tecnologia, entendemos o conjunto de técnicas, que na Educação Física se traduz as técnicas corporais que servem de substrato cultural para a manifestação humana por meio de danças, lutas, ginásticas, esportes e outras práticas sistematizadas. E é nesse contexto de justificação que entendemos ser pertinente que a comunidade escolar possa materializar outras linguagens e tecnologias em diálogo com o objeto da Educação Física, a cultura corporal de movimento.

Para tanto, buscamos explorar a realidade do município de Maringá, estado do Paraná, com uma possibilidade didática que visa a construção de maquetes e miniaturas no Ensino Fundamental I nas aulas de Educação Física da rede municipal de ensino. Embora essa iniciativa date desde 2009, a mesma é reforçada pela nova configuração que a BNCC apresenta à disciplina de Educação Física. Em acréscimo, o currículo do estado do Paraná antecipa o ensino de conteúdo – na categoria Jogo – afeito à aventura desde o terceiro ano do Fundamental I, reiterando a importância de materiais didáticos interativos para enredar ludicamente a aventura como uma linguagem singular na biografia de movimento das crianças (CORREA *et al.*, 2020; SOUSA *et al.*, 2020).

Considerando o exposto acima, o objetivo deste trabalho é apresentar o desenvolvimento das representações das maquetes e miniaturas como um material didático

interativo no processo de ensino e aprendizagem das Práticas Corporais Aventura no Ensino Fundamental I.

2 ASPECTOS METODOLÓGICOS DO ESTUDO

Tendo isso em vista, é relevante, para a temática dessa pesquisa, os autores já mencionados anteriormente, como Franco (2008, 2011), Pereira (2007), Auricchio (2009), Uvinha (2009), Pereira e Armbrust (2010), Armbrust e Lauro (2010), Inácio et al. (2016) e Paixão (2017, 2018), além dessa lacuna que corrobora com a relação da elaboração, construção e confecção dos materiais didáticos nas PCAs, a atuação e inserção ocorre nos anos finais do ensino fundamental e ensino médio, no qual tangem suas abordagens de acordo com as suas próprias características e relevâncias como o conteúdo de ensino.

Nesse estudo de caso, com característica exploratória, a abordagem das PCA percorre no anos iniciais do ensino fundamental. Os dados coletados por registro fotográfico foram obtidos entre as produções de 115 alunos da Escola Municipal Odete Ribaroli Gomes de Castro, Maringá, Noroeste do Paraná (MARINGÁ, 2020). As crianças, autoras desses trabalhos, receberam orientação do professor de Educação Física e auxílio dos familiares, em um trabalho de protagonismo compartilhado. A amostra compreende as turmas do 4º ano A e B e 5º ano A e B do período da manhã, do Ensino Fundamental I, cuja faixa etária dos alunos varia entre 9 e 12 anos de idade. Os procedimentos éticos foram adotados, havendo autorização dos responsáveis e da escola para a condução do estudo.

Os resultados são distribuídos em duas subunidades, sendo primeiro reportado o processo pedagógico de mediação do conhecimento sobre PCA por meio dos artefatos. Em seguida, são apresentadas maquetes e miniaturas, com análise do propósito educativo inerente a essa prática nas aulas de Educação Física, sendo disciplina da grande área das Linguagens e suas tecnologias. Para tanto, a análise foi feita à luz da BNCC, particularmente em relação à noção de curadoria.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1. Da organização didática ao objeto de aprendizagem

Na busca de introduzir e inserir as Práticas Corporais de Aventura a partir do conhecimento teórico do ensino, utilizamos a elaboração, construção e confecção de maquetes e miniaturas. Conforme Simielli (2007) o trabalho com “maquetes” não é apenas uma questão de sua própria confecção, mas é a possibilidade de utilização como uma ferramenta para a correlação dos conhecimentos a serem adquiridos.

O desenvolvimento do ensino e aprendizagem de PCA no Ensino Fundamental I foi dividido em quatro (04) etapas. Na primeira, os alunos foram divididos em pequenos grupos na sala de aula, onde o professor distribuiu revistas. Em seguida, o professor lançou quatro (04) questões, que são norteadores no ensino e aprendizagem do conteúdo. As questões lançadas pelo professor foram: O que são Práticas Corporais de Aventura? Quais são os locais dessas PCA? Quais são as modalidades PCA? A escola pode abordar essas PCA? As questões visam mobilizar o conhecimento prévio do aluno, na dimensão conceitual, com uso de imagens das revistas para gerar elicitación.

Em seguida, os alunos foram levados à quadra esportiva da escola e começaram a identificar os conceitos das PCA que envolve o ambiente, o local que essas práticas corporais são vivenciadas ou praticadas, quais são essas práticas realmente e suas modalidades. Era importante que estes externassem se nas aulas de Educação Física e se a escola conseguiria de fato inserir esse conteúdo. Salientamos que algumas práticas estão associadas ao cotidiano e algumas vezes despercebidas pelos próprios alunos no cenário escolar. A partir dessa socialização, os alunos levantaram algumas inquietações, e coube ao professor apresentar uma síntese, bem como elucidar as demais questões apontadas pelos alunos. Como resultado, os alunos apresentaram certo domínio em relação as primeiras características das PCA, como também nomearam algumas modalidades.

Na segunda etapa, os alunos são orientados a classificar as PCA reconhecidas anteriormente conforme o ambiente: terrestre, aquático, aéreo. Com isso, elas aprendem uma forma de classificar (ou taggear, se fosse um repositório digital) as modalidades. A discussão em torno de quais eles poderão ter uma vivência efetiva e quais serão mediadas na escola é reforçada, com vistas à construção dos artefatos. Aqui é importante destacar que o universo da vivência fez parte central no processo, pois as crianças vivenciaram, sob diferentes linguagens lúdicas, as microaventuras (RISSO et al, 2021) que possibilitam a fruição das PCA em formas mais seguras e afins ao potencial da turma.

Na terceira etapa, os alunos retornaram à sala de aula e começaram a idealizar qual modalidade seria elaborada, construída e confeccionada. Nessa etapa, o professor indicaria e orientaria a importância da utilização dos materiais recicláveis de baixo custo como caixa de sapato (papelão), revista e jornais (papel), embalagens plásticas e sacolas (plástico), isopor, metal e material orgânico (folhas, pedras, galhos). Na quarta etapa, os alunos iniciam a elaboração das maquetes e miniaturas na escola, as quais foram concluídas em suas residências, como mediação e orientação de seus familiares ou responsáveis. O acompanhamento do processo, ratificou que a intervenção familiar foi de suma importância para que o aluno tivesse de certa forma autonomia e crítica. No final, essa proposta didática resultou na nota parcial da avaliação da disciplina de Educação Física.

Em consideração a essas etapas, percebemos a necessidade de avançarmos nas lacunas que persistem em relação ao conteúdo das PCA no Ensino Fundamental I, que se refere principalmente nos saberes e conhecimentos teóricos. Com as diferentes literacies, as quais um professor pode mediar a aprendizagem, não faz sentido pensar materiais didáticos que tragam a dimensão conceitual de forma pouco interativa. Por isso, conforme Risso et al (2021), os “materiais didáticos” nos anos iniciais são cada vez mais necessários, pois nessas plataformas sobre as quais as crianças agem e declaram sua aprendizagem.

A respeito do processo, entendemos que essa atividade transcende o papel educacional da disciplina Educação Física, sendo um projeto que atravessa toda a área de linguagens e suas tecnologias. Não por menos, o material resultante é organizado em forma de exposição da escola, cabendo aos professores da área fazer a curadoria das produções. Considerando que esta seja uma ação destacada pela BNCC, ensejando que a Educação Física mobilize melhor os objetos digitais de aprendizagem (CASTRO, 2021), destacamos dois aspectos: (1) relevância da criação de repositórios digitais, de modo a preservar as produções dos alunos e difundi-las a um público maior, com as vantagens pedagógicas que a curadoria pode operar; (2) esses constructos físicos, de operacionalidade tátil, são insubstituíveis pelo virtual, pois constituem uma forma de relação com o conhecimento.

De fato, Francischett (2004) aponta que as maquetes é a própria perseguição do mundo das ideais, procurando trazê-las a realidade no ato de construir. Portanto, considerando que em muitas PCA, como o balonismo ou o surf, há barreiras econômicas e físicas que dificultam a apropriação desse conhecimento, a experiência pode se dar no plano mediado dos artefatos. Nesse processo, as crianças projetam -condição peculiar humana- e, com suporte da

escola e da família, dão concretude. Por fim, é fundamental que essa atividade passe por uma elaboração didática, a exemplo das etapas já descritas, para que o material seja eficientemente apropriado como objeto de aprendizagem sobre as PCA e para além delas.

3.2. Objetos de aprendizagem: relações com o lúdico e o conhecimento

A produção de maquetes e miniaturas nas aulas de Educação Física foram uma forma de tematizar o conteúdo Práticas Corporais de Aventura no Ensino Fundamental I. É um complemento à fruição das técnicas corporais possíveis de serem ensinadas na escola e possibilita o processo de ensino e aprendizagem dos conhecimentos científicos. Conforme podemos observar nas imagens abaixo, os constructos dos alunos se constituíram em um acervo passível de curadoria:

Imagem 1: Construção de skate, patinete, patins e prancha de surfe.



Fonte: os autores



Fonte: os autores

Um destaque à organização da imagem 1 é a adoção de um elemento recorrente à lógica interna de muitas PCA, sejam elas urbanas ou em ambiente natural: o deslize. Na natureza, observamos que as pranchas são um artefato que permite ao ser humano deslizar sobre as ondas, isto é, utilizar as forças da natureza para deslocamento e diversão. Analogamente, sobre as superfícies concretadas e asfálticas podemos deslizar por meio de patinete, patins ou skate.

Já, na imagem abaixo, é mais destacada a diversificação de materiais (madeira, ferro, papel) que puderam ser utilizadas na representação sobre as diferentes formas de deslocamento encontradas nas PCA.

Imagem 2: Construção de skate, patinete, prancha de surfe e bike (BMX).



Fonte: os autores

Como no processo de ensino-aprendizagem, os alunos passaram pelo exercício de “tagueamento” das PCA conforme o meio (terrestre, aéreo ou aquático) de sua manifestação, a curadoria também reservou uma forma de destacar essa lógica. Na imagem 3, portanto, podemos observar que, mesmo o município de Maringá sendo uma cidade longe de áreas naturais para contato com esportes aquáticos, esse é um conhecimento destacados pelos alunos. Apontamos que essa é uma forma de imaginário do aluno em se manifestar em relação ao que, não obstante inusual, é desejado.

Imagem 3: Construção de pranchas de surfe.



Fonte: os autores

Por fim, na imagem abaixo, identificamos uma interação mais relacionada à ambiência urbana, com a presença de maquetes que nos mostram a cidade pelo ponto de vista das crianças.

Imagem 4: Construção pista de skate, prática do *slackline* e o circuito de *parkour*.



Fonte: os autores

Nas análises que nos propusemos a fazer neste artigo, sobre o conteúdo estruturante das Práticas Corporais de Aventura na Educação Física, percebemos que os alunos tiveram uma visão mais ampla sobre o conteúdo, além do caráter multidisciplinar na elaboração, construção e confecção. Essa proposta de ensino das PCAs abrange os procedimentos conceitual e procedimental na avaliação do conhecimento (DARIDO; RANGEL, 2005) de forma lúdica. O aluno constrói sua maquete ou miniatura, partindo da segmentação estrutural de cada modalidade. Também pode ser uma oportunidade para desenvolver a questão da educação ambiental (MARINHO; SCHWARTZ, 2005), desde atitudes importantes para uso de material reciclável, até um olhar menos dicotômico para presença da natureza nos espaços urbanos públicos.

Além de ser relevante esse processo de ensino e aprendizagem, traz o caráter multidisciplinar para diálogos com as demais disciplinas escolares, nesse estudo com Arte, Geografia, Matemática e História, essa produção tem um valor intrínseco porque é a criança, nas suas diferentes mediações, apresentando um mundo com PCA, no cotidiano desejado. Assim, a maquete e a miniatura pode ser objeto de ações políticas no sentido de valorizar a criança como sujeito de direitos. Outro aspecto foi que essas maquetes e miniaturas foram concluídas em suas residências, na supervisão e orientação de seus pais ou familiares. Se podemos captar o empenho lúdico das crianças, co-protagonizando com seus familiares, a criação dessas maquetes, não podemos, como afirma Mello (2019, p. 390), reduzir esses elementos a uma forma de “isca” para atraí-las a atividades que só visam “adquirir competências e habilidades consideradas, pela lógica adultocêntrica, mais relevantes”. É preciso escutar as crianças falando de seus anseios e direitos por meio desses constructos, o que implica, inclusive, que o professor também compartilhe com elas a curadoria de suas próprias obras.

A BNCC reforça a importância de os professores se habilitarem como curadores de repositórios virtuais, uma vez que são possíveis múltiplos usos dos objetos virtuais de aprendizagem. Vale lembrar que curadoria é uma categoria das Arte para designar a organização de acervos em uma exposição, conforme uma determinada lógica. Nesse sentido, embora a BNCC incentive a aproximação às tecnologias virtuais, também podemos pensar na transposição didática desses conceitos para a dimensão física. Nesse sentido, conforme Sousa et al (2020), a “interatividade” com o material didático é uma prática melhor experienciada com o meio digital e que pode inspirar o trabalho de curadoria.

A curadoria, no mundo digital, vai assumir a noção de ações de ordenamento do abundante material disponível nas redes, de modo a dar-lhes um uso e significado coerente e próprio, o que implica, inclusive, selecionar o que é útil, belo e verdadeiro. Sardelich (2021) defende a “expansão dos territórios de aprendizagem” para além dos espaços tradicionais, tal como a escola e o museu. Ao mesmo tempo, a autora enfatiza uma postura de curadoria compartilhada nas redes sociais, especialmente para enfrentar as relações hierarquizadas de saber. Assim, a curadoria compartilhada seria: “prática coletiva de discentes/docentes, provocadora de sentidos e seus efeitos, para desacostumar noções estereotipadas sobre o próprio processo pedagógico e seus, ainda, disciplinares componentes curriculares” (SARDELICH, 2021, p. 198).

Tendo como inspiração essa potência que se abre à Educação Física, numa relação ampliada com os objetos de aprendizagem na área das Linguagens e suas tecnologias, entendemos que a curadoria no espaço físico da escola é essencial, e pode ser ampliada. Como uma crítica construtiva, a exposição poderia ser socializada com outros colégios e inspirar, inclusive, curadoria compartilhada em rede, o que ampliaria o alcance qualitativo (em termos de habilidades envolvidas) e quantitativo (número de atores envolvidos).

4 CONSIDERAÇÕES

Neste artigo, descrevemos o percurso desenvolvido no Ensino Fundamental I para que maquetes e miniaturas fossem projetadas pelas crianças e finalizadas em âmbito doméstico na condição de material didático sobre Práticas Corporais de Aventura. Destacamos a importância de a Educação Física trazer esse conteúdo já nos anos iniciais, na forma de microaventuras, respeitando e valorizando o conhecimento dos alunos de acordo com cada faixa etária nesse processo de escolarização. Por isso, foram consideradas as múltiplas linguagens, as agências das crianças, o valor do imaginário na formação do conhecimento como elementos a serem considerados na curadoria dos objetos de aprendizagem, sejam eles físicos ou virtuais.

Esses aspectos pedagógicos mais amplos, que potencializam o lugar da Educação Física no conhecimento sobre linguagem, não podem desfocar a especificidade da PCA, como um saber ao qual os alunos têm direito a compreender, incorporar e fruir nas suas biografias de movimento. Neste sentido, reiteramos a defesa de que a aventura seja apropriada inicialmente por meio de microaventuras, ou seja, as formas lúdicas mais recorrentes nas culturas infantis: jogos, brincadeiras e brinquedos. Assim, o uso de maquetes e/ou miniaturas foi um recurso que tanto valorizou essa produção na perspectiva infantil quanto permitiu que os alunos soubessem taguear categorias compreensivas sobre PCA desde a concepção inicial de tais artefatos.

Por fim, entendemos que as boas práticas educacionais devem envolver a curadoria compartilhada dessas maquetes e miniaturas, promovendo a comunidade escolar como comunidade de conhecimento. Afinal, conforme verificado, as produções são resultado do diálogo intergeracional desde a relação com o professor até o acabamento do objeto projeto na família. Esse aspecto democrático, por meio de uma curadoria compartilhada, não é tarefa

exclusiva da Educação Física, nem apenas da área de Linguagens. Frente a isso, recomendamos que a construção de maquetes/miniaturas possa ser objeto em projetos multidisciplinares na educação básica e, na especificidade da Educação Física com PCA, nos desafiamos a projetar novas possibilidades tecnológicas que englobem um desdobramento mais complexo na cultura corporal de movimento.

REFERÊNCIAS

- ARMBRUST, I.; LAURO, F. A. O skate e suas possibilidades educacionais. Motriz, Rio Claro, v. 16, n. 3, p. 799 -807, 2010.
- AURICCHIO, J. R. Escalada na Educação Física escolar. Orientação adequada para a prática segura. EFDeportes, Buenos Aires, ano 14, n. 139, dez. 2009.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, DF, 2017.
- CASTRO, E. R. D. de. Repositórios de materiais digitais para Educação Física: uma revisão integrativa. Ensino em perspectivas, v. 2, n. 3, p. 1-11, 2021.
- CORREA, L. V. O. M.; BADARO, L. F.; SOUZA, J.; PIMENTEL, G. G. A. Práticas corporais de aventura e biografias de movimento na educação física escolar. Humanidades & inovação, v. 8, p. 1-20, 2020.
- DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara koogan, 2005.
- FRANCO, L. C. P. Atividades físicas de aventura na escola: uma proposta pedagógica nas três dimensões dos conteúdos, 2008, 136f. Dissertação de Mestrado em Ciências da Motricidade (Stricto-Sensu), Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2008.
- FRANCO, L. C. P. A adaptação das atividades de aventura na estrutura da escola. In: PEREIRA, Dimitri W. (Org.). Entre o urbano e a natureza: a inclusão na aventura. São Paulo: Lexia, p. 89-101, 2011.
- FRANCISCHETT, M. N. A cartografia no ensino de Geografia: a aprendizagem mediada. 20. ed. Cascavel: Paraná: EDUNIOESTE, 2004.
- INÁCIO, H. L. D.; CAUPER, D. A. C.; SILVA, L. A. P.; MORAIS, G. G. Práticas corporais de aventura na escola: possibilidades e desafios - reflexões para além da Base Nacional Comum Curricular. Motrivivência, v. 28, p. 168-187, 2016.
- MARINGÁ. Currículo da Educação Municipal de Maringá. In: SFORNI, M. S. F. (Org). Secretaria Municipal de Educação, Paraná, p.1096, 2020.

MARINHO, A.; SCHWARTZ, G. M. Atividades de aventura como conteúdo da educação física: reflexões sobre seu valor educativo. *Lecturas Educación Física y Deportes*, Buenos Aires, ano 10, n. 88, p. 1-1, set, 2005.

MELLO, A. S. [Entrevista concedida a] Rodrigo Lema del Rio Martins. *Humanidades e Inovação* v. 6, n. 15, p. 387-395, 2019.

PAIXÃO, J. A. O esporte de aventura como conteúdo possível nas aulas de educação física escolar. *Motrivivência*, v. 29, p. 170-182, 2017.

PAIXÃO, J. A. O esporte de aventura no currículo da Educação Física escolar: possibilidades de intervenção. Viçosa: Editora UFV, 2018.

PEREIRA, D. W. Perfil de skatistas do Parque da Juventude em São Paulo. In: 2º Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura, 2007, Governador Valadares. *Anais eletrônicos ... Governador Valadares: CBAA, 2007.*

PEREIRA, D. W; ARMBRUST I. Pedagogia da aventura: os esportes radicais, de aventura e de ação na escola. Jundiaí, São Paulo: Fontoura, 2010.

RISSE, H. F. F.; SILVA, C. S.; GARCIA, W. F.; PIMENTEL, G. G. A. Ensino do esporte orientação: materiais didáticos interativos e aprendizagem declarada. In: 11º Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura, Goiania. *Anais eletrônicos... Goiania: CBAA, 2021.*

SARDELICH, M. E. Curadoria compartilhada: ensinar e aprender com e sobre arte para além das fronteiras. *Interfaces da educação*, v. 12, n. 34, p. 185-212, 2021.

SIMIELLI, M. E. R.; GIRARDI, G.; MORONE, R. Maquete de relevo: um recurso didático tridimensional. *Boletim Paulista de Geografia*. São Paulo, n. 87, p. 131-148, dez. 2007.

SOUSA, D. Q. O. et al. Materiais didáticos digitais e interativos (maddis) aplicados ao esporte orientação em situações de ensino. In: Congresso Internacional de Educação e Tecnologias / Encontro de Pesquisadores em Educação a Distância, Agosto, São Carlos. *Anais eletrônicos.... São Carlos: CIET: EnPED, 2020.*

UVINHA, R. R. Esportes Radicais nas aulas de Educação Física do Ensino Fundamental. In: MOREIRA, E. C. (Org.). *Educação Física escolar: desafios e propostas*. 2ed. Jundiaí, São Paulo: Fontoura, v. 1, p. 241-256, 2009.

CRENCIAIS DOS AUTORES

*** Elizandro Ricardo Cássaro**

Vínculo: Secretaria de Educação de Maringá - Paraná

Contato: elizandrorc@hotmail.com

Giuliano Gomes de Assis Pimentel **

Vínculo: Universidade Estadual de Maringá (UEM)

Contato: ggpimentel@uem.br

João Fernando Christofolletti***

Vínculo: Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

Contato: joao.christofolletti@unioeste.br

Vilmar Malacarne****

Vínculo: Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

Contato: vilmar.malacarne@unioeste.br